

O IRROMPER DO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: O DESPERTAR DA PRIMAVERA¹

Marcos Suel Zanette²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo recortar fragmentos dos diálogos na literatura teatral – O despertar da primavera: uma tragédia infantil – de Benjamim Franklin Wedekind (1864-1918), a fim de se articular os pontos fundamentais nos diálogos dos adolescentes sobre o irromper da sexualidade, no corpo próprio. Na perspectiva da teoria psicanalítica freudiana e lacaniana, a questão sexual será sempre um ponto irreduzível para um Sujeito, pelo fato de ser falante, o desejo se esbarra com as leis da linguagem. Especificamente, no período da adolescência, o Sujeito se depara com a demanda cultural de normalização das atitudes no que se refere aos hábitos morais. Na peça, identificamos as respostas dos personagens em suas organizações psíquicas, as quais dependem do modo como cada um vivencia a economia libidinal das moções pulsionais parciais, entre o período da infância e o do complexo de Édipo. Assim, na adolescência, sendo um período de reatualização, o Sujeito inconscientemente firma a estrutura.

Palavras-chave: Adolescência. Psicanálise. Literatura. Sexualidade.

LA RUPTURA DE LA SEXUALIDAD EN LA ADOLESCENCIA: EL DESPERTAR DE LA PRIMAVERA

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo recortar fragmentos de diálogos en la literatura teatral – El despertar de la primavera: una tragedia infantil – de Benjamín Franklin Wedekind (1864-1918), con el fin de articular los puntos fundamentales en los diálogos de los adolescentes sobre el surgimiento de la sexualidad, en el cuerpo mismo. Desde la perspectiva de la teoría psicoanalítica freudiana y lacaniana, la cuestión sexual será siempre un punto irreductible para un Sujeto, por ser hablante, el deseo choca con las leyes del lenguaje. Especificamente, durante la adolescencia, el Sujeto se enfrenta a la demanda cultural de normalización de actitudes respecto a los hábitos morales. En la obra identificamos las respuestas de los personajes en sus organizaciones psíquicas, que dependen de la forma en que cada uno experimenta la economía libidinal de impulsos instintivos parciales, entre el

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 02/04/22 e aprovado, após reformulações, em 27/04/22.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense/RJ. E-mail: suelzanette@gmail.com

³ Mestre em Psicologia (UNIACADEMIA) e docente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br

período de la infancia y el período del complejo de Edipo. Así, en la adolescencia, siendo un período de reactualización, el Sujeto inconscientemente establece la estructura.

Palabras clave: Adolescencia. Psicoanálisis. Literatura. Sexualidad.

1 INTRODUÇÃO

Nas sociedades burguesas tradicionais, a literatura desempenhou um papel de importância capital como instrumento para problematizar a complexidade da travessia da adolescência e seus impasses a partir do que se desperta no corpo. Ela antecede o que, na psicanálise, Freud constatou nos dizeres dos pacientes pelo dispositivo clínico, e sobre os quais fundamentou o edifício teórico psicanalítico.

O presente trabalho extrai fragmentos descritos nos diálogos dos personagens na literatura teatral de Benjamim Franklin Wedekind (1864-1918)⁴, – O despertar da primavera: uma tragédia infantil (2009)⁵. Trata-se do irromper da sexualidade na adolescência e de tudo que gira em torno de um grupo de jovens que se veem confrontados com as questões sexuais. É uma dramaturgia que aborda, em cenas, temas relevantes tais como o ser adolescente, as masturbações, a primeira vez, o aborto, a homossexualidade, a morte, o suicídio, as fantasias sadomasoquistas, a rígida educação moral religiosa e jurídica nos espaços familiar, escolar e cultural, entre outros fenômenos observados.

Este artigo resgata pontos fundamentais na medida em que, na investigação psicanalítica, a questão sexual será sempre um ponto irreduzível para um sujeito, pois, enquanto ser desejante, somos impactados pelo muro da linguagem, daí a sua

⁴ Benjamim Franklin Wedekind (1864-1918) era filho de um médico liberal e de uma cantora de ópera alemã. A família se viu em muitas mudanças de países por motivos políticos. Ele abandona a terra-mãe pelo fracasso de uma atividade revolucionária. Mudam-se para os Estados Unidos e depois vão para a Suíça, em 1872. Em 1884, Wedekind vai a Munique para estudar Direito. Lá dedica-se à escrita. Em 1891, com a inviabilidade de exibição das suas peças e sua expulsão de Berlim, por motivos de nacionalidades, vai a Paris e, depois a Londres.

⁵ A peça é composta de três atos e dezenove cenas, consiste quase inteiramente em diálogos entre adolescentes. Escrita em 1890 e publicada em 1891, é considerada uma dramaturgia bem ousada para a época. Wedekind é considerado precursor do expressionismo. Os sentimentos humanos e sociais eram as tônicas das tendências expressionistas. Todavia, a dramaturgia de Wedekind só pôde ser encenada quinze anos depois, em 1906, no Teatro de Nuremberg. Devido às censuras, a peça cai no esquecimento e, somente em 1963, é representada na Inglaterra.

importância à prática clínica. Portanto, não se pretende falar sobre a adolescência, mas, sobretudo, do adolescente, em cada fala. É uma direção que não vai ao universal de uma denominação, mas na singularidade e na particularidade, assim, como se chega à clínica.

Para isso, percorreremos as seguintes etapas: o lugar da linguagem ao se construir e fundar o Sujeito; a questão da moral imposta à cultura; a função da fantasia no real do sexo; e o suporte do simbólico para o sujeito desejante; que, por lhe estar vetado o acesso direto ao objeto, só lhe resta atravessar por palavras.

2 A ENTRADA NA LINGUAGEM, A HIPÓTESE DO RECONHECIMENTO

Em conferência pronunciada na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), em 13 de outubro de 1972, Lacan afirma que, nós, seres humanos, somos construídos, fabricados e fundados sobre a linguagem. Ele chama a isso, de discurso, ou seja, alguma coisa se fixa na linguagem. Usa-se disso para que o laço social entre seres falantes funcione. O falante crer para ser ou o falante se achar ser! Os discursos fazem laços⁶ aos seres falantes. É porque é ser falante que é ser, ou seja, não é o ser (entidade, substância ou essência) que faz o ser falante. Não é o ser que nos faz, mas, a linguagem. Assim, porque é falante, ele é ser (LACAN, 1972).

A linguagem não é algo que o homem expressa naturalmente, pois ele está nela, e é por ela falado e convocado a falar. A linguagem do Outro simbólico guarda uma relação de anterioridade ao falante. É devido ao fato pelo qual a linguagem fala, que o sujeito é capaz de falar. Se o humano nasce desvalido, prematuro e em desamparo fundamental, então, o que lhe resta para não morrer já tão precocemente? Resta-lhe a escolha forçada, alienar-se a este Outro real⁷, do qual, depois, deverá se separar um pouco. Entrar nos discursos é uma **escolha forçada**.

⁶ Entre 1968 e 1973, Lacan elaborou uma teoria dos quatro discursos, articulando, respectivamente, os discursos: do Mestre, da Universidade, do Analista e o da Histeria. Esses quatro discursos constituem o mesmo número de modalidades através dos quais o Sujeito faz o laço com o social, pois, trata-se dos fundamentos estruturais das leis que regem a ordem da linguagem no ser falante (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p. 103-105).

⁷ Lacan escreveu Outro – com a letra maiúscula – para distingui-lo do semelhante. Trata-se aqui de um lugar da linguagem, situado para além de qualquer pessoa e onde se situa o que é anterior ao Sujeito e, que, entretanto, o determina. É a mãe, não necessariamente a biológica, que ocupa o lugar

Para Lacan (1972), os sujeitos não se comunicam uns aos outros diretamente (até consigo mesmo), mas, somente por meio de palavras, pela linguagem. O sujeito só adquire existência ao ser iniciado na linguagem. Os significados das palavras não são fixos nem sequer plenamente compreendidos por alguém (por evidência), pela consciência clara. As diferentes respostas que elaboramos demonstram do obstáculo à comunicação (LACAN, 1972).

Dizendo sim, ao império da linguagem, a criança terá acesso ao campo das representações que são sempre parciais e incompletas, pois não se consegue representar tudo. É irrepresentável, indizível, fora do sentido. Há sempre algo que escapa; algo inominável, da ordem do impossível. Da parcela do possível de representação, resulta a realidade como um flerte de consciência. Assim, podemos afirmar que a linguagem funda aquilo que escapa à consciência, no inconsciente. Por isso, temos que nos a ver com esta Outra cena⁸: o inconsciente, ou seja, com esse Outro real que nos antecede ao mundo. Nos primeiros momentos de nossa vida, o Outro materno é quem exerce a função no sentido de um lugar outro. É um lugar que pode ser ocupado por qualquer um. Recebe-se a mensagem desse primeiro objeto, que pode ser a cultura, a língua do Outro materno, não importando se esse outro é a mãe biológica ou a suposta mãe (HAMAD; MELMAN, 2019).

Assim, afirmando de outra forma, é preciso sublinhar que, aí é que aparece a dimensão do simbólico, desse Outro real que nos inscreve um lugar na ordem simbólica, o qual alguém poderá ocupar à sua maneira. Todavia é a mãe quem instaura um lugar em posição para à criança, um lugar de falta, através da estrutura da língua materna, da lei da linguagem, que nos forçam a ser filho da terra natal e a entrar e apropriar a própria cultura. O que acontece à fala e à linguagem é,

do primeiro Outro para o Sujeito. É ela que torna presente, para a criança, essa cena pela qual a subjetividade vai ser construída em palavras, ou seja, a experiência inconsciente no ser humano é o efeito da palavra e do discurso do Outro materno no corpo (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p. 282-283).

⁸ Em psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma Outra cena - *Ein anderer Schauplatz*. Em Freud, refere-se ao local dos acontecimentos que se desenrolam na realidade psíquica. Com Lacan, essa Outra cena adquire uma dimensão central, pois corresponde a um lugar no qual ocorrerá a determinação do Sujeito, ou seja, é no campo do Outro que o Sujeito estará às voltas, com sua própria condição de ser falante. É a inserção da criança, ainda *infans*, no jogo simbólico, a fim de se tornar um ser que habita a linguagem, que o antecede e o constitui (ROUDINESCO, 1998, p. 385).

essencialmente, que a mensagem retorna daquele a quem está dirigida, de forma invertida.

Por esse fato, na referida dramaturgia, as falas dos adolescentes e dos seus pares apontam para o impossível de se dar consistência às inquietações e interrogações sobre o que se desperta no real do corpo, sexuado. É por onde o humano se depara com o não todo da interação, da convivência, da relação, da comunicação, entre outros elementos.

3 O MURO DA LINGUAGEM

Entre o homem e o amor
Existe a mulher.
Entre o homem e a mulher,
Existe um mundo.
Entre o homem e o mundo
Existe um muro.
(Antoine Tudal).

As palavras do poeta francês Antoine Tudal, citadas por Lacan (1998, p. 290), demarcam a diferença sexual e evidenciam a distância entre o homem e uma mulher, quase sempre intransponível (LACAN, 1998, p. 290).

Lacan (2003), ao prefaciá-la para o Programa de Espetáculo encenado por Jacques Brigitte, no âmbito do festival de outono de 1974, afirma, que a dramaturgia aborda o que é, para os meninos adolescentes, fazer amor com as meninas, fato que não é tão simples e satisfatório para todos, pois, chega a confessar que, “se é mal sucedido, é para todo o mundo”, dando conta de que “existe uma relação do sentido com o gozo, que é fálico” (LACAN, 2003, p. 557). Conforme assinala Lacan (2003, p. 558), Freud demarcou que a sexualidade “faz furo no real e, que, paradoxalmente, ninguém escapa ileso, as pessoas não se preocupam com o assunto, ou seja, não querem saber disso” (LACAN, 2003, p. 558).

De forma metafórica, Lacan (2003, p. 558) diz que, “trata-se, no entanto, de uma experiência ao alcance de todos. [...] Justamente, de que o púbis só faça passar ao público, onde se exhibe como objeto de uma levantada de véu” (LACAN, 2003, p. 558). Há de ser tamponado com um véu. “Que o véu levantado não mostre

nada, eis o princípio da iniciação (nas boas maneiras da sociedade, pelo menos)” (LACAN, 2003, p. 558).

Na peça, o que o dramaturgo busca, focando a luz do interdito, é precisamente colocar em palavras, imagens, vivências, o desconforto referente a isso que se desperta no corpo. As falas expressam o “mistério da linguagem e o fato de que, ao propor o enigma em que se encontra o sentido de sentido”, que se liga ao “gozo do menino como proibido” (LACAN, 2003, p. 558). Não se trata somente da proibição da relação sexual, em si, mas o que está em jogo é para não ser cristalizada “na não-relação que ela vale no real”, ou seja, na fantasia da realidade comum, o real do sexual escapole, pois não há “língua que não se force a isso [...]” (LACAN, 2003, p. 578). Demonstra-se que o sujeito é forçado a ser irredutivelmente dividido. Na teoria freudiana, a divisão do eu (*Spaltung*) se dá como um processo de defesa⁹. Não há língua que transforme a divisão em coisa natural. Por isso que, enquanto submetidos à lei da linguagem, no corpo, perdemos o amparo do instinto, e somos lançados ao que é da pulsão, desnaturalizada (FREUD, 1996a)¹⁰. Frente ao real do sexual, o homem é embaraçado, perturbado, bloqueado e, a mulher, fica embaraçada (LACAN, 2004).

Lacan (1990), no Seminário 11, (12 fevereiro de 1964), desdobrava que

a descrição dos estágios, *formadores da libido*, não deve ser referida a uma pseudo-maturação natural, que permanece sempre opaca. Os estágios se organizam em torno da angústia da castração. O fato copulatório da introdução da sexualidade é traumatizante – aí está um figamento de vulto – e tem uma função organizadora para o desenvolvimento.

A angústia de castração é como um fio que perfura todas as etapas do desenvolvimento. Ela orienta as relações que são anteriores à sua aparição propriamente dita – desmame, disciplina anal, etc. Ela cristaliza

⁹ A articulação das questões do desmentido (*Verleugnung*) e a divisão ou cisão do Eu (*Spaltung*), foi abordada por Freud, em 1938. Trata-se de um processo de defesa à castração, ou seja, da falta do *phallus* feminino se produz, como defesa, uma afirmação contrária, a crença em um *phallus* universal (FREUD, 2007). É dentro dos seus artigos de 1908, a *As teorias sexuais infantis*, e de 1923, *Organização genital infantil*, que Freud será mais explícito, distinguindo nitidamente pênis e *phallus*. Na segunda tópica, portanto, ele conclui que o *phallus* diz respeito a ambos os sexos, não sendo um órgão.

¹⁰ Freud escreve o *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905, quinze anos depois da peça. Na teoria da sexualidade, ele não utiliza o termo adolescência, mas o de puberdade. Para ele, a adolescência, diante às metamorfoses do corpo e do psiquismo, é um período de reorganização e reedição dos traços que ocorreram nos estádios infantis, ou seja, a repetição e a reatualização de todas as vivências traumáticas que se passaram na infância. As contingências afetivas e as insuficiências de investimento na infância, eventualmente, com pouca representação, serão reativadas pelos impactos da puberdade, principalmente, nas zonas genitais (FREUD, 1996a).

cada um desses momentos numa dialética que tem por centro um mau encontro. [...] O mau encontro está no nível do sexual (LACAN, 1990, p. 65).

Ele acrescenta, [...] “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (LACAN, 1990, p. 122). O traço da sexualidade entre o masculino e o feminino, pela falta da representação do Outro, constitui-se como dois mundos opostos, como descreve o poeta na epígrafe. Para Lacan (1990, p. 187), o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, “isto quer dizer que o sujeito começa no lugar do Outro, no que surge o primeiro significante”. [...] “O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante (LACAN, 1990, p. 187). Diz Lacan (1990), o sujeito nasce dividido. [...] “É somente aí que a relação dos sexos é representada no nível do inconsciente. [...] A relação sexual fica entregue ao aleatório do campo do Outro. Fica entregue as explicações que lhes deem” (LACAN, 1990, p. 188), pelo semelhante.

É o que identificamos na forma como a mãe pôde dizer para a filha sobre o funcionamento da gravidez no corpo de uma mulher, representada no diálogo entre Wendla, de 14 anos e meio, e a sua mãe, Senhora Bergmann, no Segundo Ato, Cena 2, na sala de estar.

[...] Imagine só, Wendla. Essa noite a cegonha passou por lá e lhe trouxe um menininho.

WENDLA. Um menino? Um menino! Ah, isso é maravilhoso. Por isso a gripe tão longa!

[...]

WENDLA. Você estava lá quando a cegonha chegou?

SENHORA BERGMANN. Ela tinha acabado de levantar voo. Você não quer usar uma rosa?

WENDLA. Por que você não chegou lá um pouco mais cedo, mamãe?

SENHORA BERGMANN. Mas eu acho que ela trouxe algo para você. Um broche, talvez.

WENDLA. É realmente uma pena

[...]

SENHORA BERGMANN. [...] O que você quer mais?

WENDLA. Eu queria tanto saber se a cegonha entrou pela janela ou pela chaminé.

SENHORA BERGMANN. Então você precisa perguntar para Ina. Sim, você precisa perguntar para Ina, minha querida. Ina vai explicar direitinho. Afinal, Ina ficou meia hora conversando com ela.

[...]

WENDLA. Ou será que eu devo perguntar para o limpador de chaminés? Afinal, ele deve saber exatamente se ela passa por lá.

SENHORA BERGMANN. Para o limpador de chaminés, não, querida. [...] Ele só fica falando bobagens por aí, nas quais ele próprio não acredita, o que você está olhando lá na rua?

[...]

SENHORA BERGMANN. Você continua sendo uma criança! Como assustar sua pobre mãe desse jeito? Vamos, pegue o seu chapéu. Quando será que você vai ter juízo? Já perdi as esperanças.

WENDLA. [...] Tenho apenas uma irmã, que está casada há dois anos e meio, eu mesma sou tia pela terceira vez e não tenho a mínima ideia de como as coisas acontecem... Não fique brava, mamãezinha. Não fique brava! A quem mais posso perguntar senão a você? Por favor, querida mamãe, diga para mim. Diga, mamãezinha. Tenho vergonha de mim mesma. Estou pedindo, mamãe, diga! Não olhe para mim desse jeito quando faço essas perguntas. Me responda. Como acontece? Você não pode estar falando sério quando quer que eu acredite em cegonha aos quatorze anos.

SENHORA BERGMANN. Deus do céu, filha, como você é estranha! Que ideias esquisitas! Não estou acreditando!

[...]

SENHORA BERGMANN. E para ter um filho... você está me entendendo Wendla?

WENDLA. Rápido mamãe. Não aguento mais.

SENHORA BERGMANN. E para ter um filho... é preciso... amar o homem... com quem casamos. Digo amar... da única maneira que é possível amar um homem! É preciso amá-lo de todo o coração, como – nem dá para dizer como! É preciso amá-lo, Wendla, da maneira que você, tão jovem, ainda não é capaz... Agora você sabe! [...] (WEDEKIND, 2009, p. 37-39).

Wendla vê-se confrontada com uma história que não mais a convence sobre o que a acossa no corpo, mas não se fala sobre isso, de uma mulher ter um bebê. Ela quer saber de algo a mais do que um simples ato sexual. Pede-se uma palavra à mãe.

No relato, a mãe diz a Wendla que, para ter filho, é necessário amar, e não fala do que pode acontecer no encontro amoroso entre um homem e uma mulher. A mãe, tomada pela representação da posição de ser a mestria, a porta-voz da tradição, exerce esse poder de transmitir, entre linhas, aquilo que foi impossível de se comunicar à filha; do funcionamento do corpo sexuado, no primado da zona genital.

É o que se constata nas falas dos personagens em relação ao modelo de formação sexual, à luz da moral sexual cultural, imperada na modernidade. Para fundamentar esse ponto, resgatamos duas matrizes teóricas na história do pensamento filosófico ocidental que se tornaram referências no modo impactar às subjetividades, em relação às condutas moral e jurídica.

3.1 A INCIDÊNCIA/PREVALÊNCIA DA CONSCIÊNCIA MORAL

Como ideal de conduta, o ser humano sempre clama por um bem que possa lhe proporcionar uma direção no modo de agir. Tudo isso, constitui, propriamente falando, a dimensão ética e moral, enquanto relação com a ação. Contudo o que mais se acentua no campo das posições é a consciência moral vinculada ao sentimento de obrigação.

Não se trata aqui de refletir sobre os impactos dos códigos morais que se cristalizam numa determinada cultura, mas destacar de que forma a moralidade incide na realidade subjetiva dos personagens. Para tanto, servimo-nos de algumas pontuações de duas matrizes teóricas que fundamentam a concepção da moral ocidental: Aristóteles e Immanuel Kant.

Termo derivado do grego, a ética se referia à busca de uma boa maneira de ser, a uma sabedoria no agir, com base na essência do Bem, da Virtude, entre outros. No entanto, identificamos em Aristóteles (384-322 a.C.), a incidência da responsabilidade da pessoa por seus atos; de tal modo que ele escolhe agir desta ou daquela maneira, na sabedoria prática, pela reta razão (*orthòs lógos*).

Luc Ferry (1994), citado por Barbara Cassin (1999), afirma que, a moral dos antigos só tem sentido por referência a uma “ordem do mundo, a uma “natureza que fixa o fim do homem e atribui sua direção a uma ética” (FERRY, 1994, p. 334 apud CASSIN, 1999, p. 91). Assim, para Aristóteles (384-322 a.C.), o fim último de tudo o que o homem busca é a felicidade, a qual não se confundiria com o simples prazer das sensações ou o prazer proporcionado pela riqueza e conforto material. Ela se encontraria na vida teórica, na qual se realiza o que é de mais especificamente humano, a razão. O homem que se desenvolve no plano teórico, contemplativo, compreende a essência da felicidade e a realiza de forma consciente, esse privilégio é para a minoria; porém, ao homem comum, somente se apreenderia através do hábito de agir corretamente (*orthòs lógos*). Para isso, é fundamental praticar as virtudes (*areté*) (CASSIN, 1999, p. 91). No livro *Ética a Nicômaco* (335 a.c. a 323 a.c.), Aristóteles afirma, “a virtude moral é um meio termo (*mesótês*) entre dois vícios, um dos quais envolve o excesso e o outro, deficiência, e isso porque é sua

natureza visar a mediania nas paixões e nos atos” (ARISTÓTELES, 1985, II, 5, 1106a25, p. 47).

Virtude e bondade se completam, por estarem inscritas na natureza humana. Há uma aprendizagem do que é o Bem, conseqüentemente, o da bondade. Através do bem se é capaz de conduzir o humano ao conhecimento verdadeiro, à sabedoria no agir e a um dispositivo de ser mais perfeito, na pólis.

A lei, nesse caso, não possui valor em si mesma, mas apenas enquanto delegada ou representante de um princípio mais alto, o próprio Bem. Isso não se devia a um respeito dos indivíduos às leis, em si; mas ao fato de que, ao conhecer a imagem do Bem, ela o faria agir melhor. É o que se deve visar como fim último por conhecer e praticar o Bem. Em Aristóteles, deve-se agir por virtude (*areté*) e não em conformidade com a virtude. Portanto, não se trata de querer o bem ou a felicidade, pois, já há “uma naturalidade do fim”, que é querer o bem (CASSIN, 1999, p. 109-110).

Na Antiguidade Clássica, não havia a categoria de indivíduo ou pessoa, no solo cultural, pois o Bem deve reger as questões relativas ao conhecimento, as condutas e às organizações públicas, na pólis. A lei só possuía o valor enquanto representante de um princípio mais alto, o Bem.

Uma das rupturas do período das Luzes com a Antiguidade grega, incide justamente sobre este aspecto de que, a partir de Immanuel Kant (1724-1804), a ética deixa de marcar o caminho na direção ao Bem para se tornar uma relação entre as ações individuais ou coletivas, a uma Lei universal (GONDAR, 1999, p. 37).

É no livro *Crítica da razão prática* (1788), que há o ponto de giro, decisivo. O sujeito será focado em sua relação com a lei moral; não mais uma lei subordinada ao Bem, mas “uma lei que vale por si mesma e que encontra, em si própria, o seu princípio: doravante a Lei determinará o que é o Bem, e não o inverso” (GONDAR, 1999, p. 37).

Segundo Kant (2008, p. 51), a lei fundamental da razão prática pura tem como imperativo, “age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2008, p. 51). Portanto, a “razão pura é por si mesma prática e dá (ao homem) uma lei

universal que, chamamos de lei moral” (KANT, 2008, p. 53-54), um imperativo que ordena categoricamente como um dever.

Para Kant (2008), até mesmo o conceito de vontade está regulado por máximas que se tornam leis práticas. Diz Kant (2008, p. 33), “a vontade de um ente racional, patologicamente afetado, pode encontrar-se um conflito das máximas com as leis práticas conhecidas por ele próprio” (KANT, 2008, p. 33). Ele reconhece que a razão não é o único fundamento da determinação da vontade, pois há também um imperativo, isto é, uma regra designada que deve ser cumprida por um “deve ser” (*ein Sollen*) (KANT, 2008, p. 54), a qual exprime a compulsão (*Nötigung*) objetiva da ação.

Kant (2008) argumenta que a faculdade de apetição (poder do desejo), enquanto fundamento determinante da vontade, busca apetecer um objeto. Ele fala do fundamento determinante do arbítrio, que nesse caso, é a representação de um objeto no indivíduo. Essa relação pressupõe o prazer e o desprazer decorrente da representação de uma coisa, de um “objeto” (KANT, 2008, p. 42-43), o qual é o fundamento determinante do apetite¹¹.

Em Kant (2008), as leis morais se fundamentam pela razão, ou seja, pela consciência. Quanto mais a vontade humana atende a lei moral, mais, ela é livre. O que nos desvia da vontade são as inclinações privadas que em verdade constituem um todo natural, segundo “leis patológicas” (KANT, 2008, p. 79).

Kant (2008) afirma que a natureza tem suas próprias leis, por estar submetida à vontade, cuja causa depende do seu objeto. Somente na razão pura - *a priori* -, a vontade está em conformidade com as leis. Cabe ao ser humano se submeter à lei para não cair na errância patológica. Nesse sentido, ele argumenta que é cabível até mesmo uma punição, pois ela promove a justiça, apesar de ser um mal físico, mas é distinto do moralmente mau, pois permanece no “estado patológico” (KANT, 2008, p. 98).

Na obra *Sobre a pedagogia*, publicada em 1786, Kant descreve como a educação prática deve ser para o adolescente. Diz que a mesma deve ser fortemente moralizada, para não incorrer em conhecer o objeto de antemão, ou seja,

¹¹ Segundo Kant (2008), só a razão “na medida em que determina por si mesma a vontade (não está a serviço das inclinações), é uma verdadeira faculdade de apetição superior” (KANT, 2008, p. 42).

a diferença do sexo. Diz Kant (2011, p. 102), “nessa idade, seu juízo já está formado e a natureza providenciou que possamos discorrer sobre o assunto com eles. Não há coisa que enfraquece tanto o espírito e o corpo quanto a forma de voluptuosidade voltada a si mesma; ela é totalmente contrária à natureza humana” (KANT, 2011, p. 102). [...] “Convêm orientá-los a dar pouco valor ao gozo dos prazeres da vida, assim, perderão o temor pueril da morte. É preciso demonstrar aos jovens que o prazer não deixa conseguir o que a imaginação promete” (KANT, 2011, p. 106).

Se um discurso antecede à nossa chegada ao mundo, eis aqui, portanto os valores defendidos pelas representações dos agentes paternos. Tais representações cada vez mais vão se encarnando no cenário cultural através da moral e do jurídico, impondo-se de forma rígida, e não permitindo dar um lugar à subjetividade; e, também, vigilantes em não permitir que tudo se perca e seja válido, por um gozo sem tabu.

Em Kant, o homem moderno se faz legislador para não se afogar no caos. Em contraposição, a psicanálise nos adverte que a oposição entre a lei da natureza e a lei do agir moral, jamais será abolida. Não há como abolir a divisão subjetiva. Não há unidade de um eu que reúna inclinações e vontade racional que não seja ameaçada pelos sentimentos inconscientes, que Kant denominou de patológico.

Temos assim, duas formas de pensamentos que se tornaram referências no modo de organizar e impactar as subjetividades, em relação a conduta moral e jurídica.

3. 2 DISCURSO DE CONVOCAÇÃO

Tendo em vista o referido modelo de formação moral para os adolescentes, há no período da modernidade, a convocação kantiana em exercer a autonomia pela soberania da razão. Através dela, deve-se ter a coragem de fazer uso e de se servir da própria consciência, sem a direção de outra pessoa. É a convocação para deixar de ser menoridade, já que a causa dela não reside na falta de conhecimento ou consciência, mas “na falta de decisão e coragem de *servir-se de si mesmo*” [...]. “Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento” (KANT, 2005, p. 63-64, grifo do autor).

Neste mesmo período, conseqüentemente, constata-se a mudança acelerada dos arranjos familiares ocorrida a partir dos fenômenos das revoluções mercantil, industriais e dos modelos patriarcais. No século XIX, reforça-se o interesse das famílias em controlar os jovens, a partir dos novos valores burgueses.

O forte movimento social e a urbanização demandavam e justificavam a normalização dos hábitos e das mentalidades. O controle e a circulação das informações buscavam interditar os escritos libertinos, imorais, obscenos, considerando-os pornográficos, tal como aconteceu à peça. Por essa razão, a dramaturgia de Wedekind deu um lugar e palavra a isso que invade a condição humana.

Na cultura referida, as instituições organizadas hierarquicamente impunham um rígido controle sobre a família, escola, igreja e as interações sociais. No Terceiro Ato, Cena 1, o reitor do ginásio, Sr. Sonnenstich, discute, com os professores, a aprovação da punição a Melchior Gabor, considerado culpado por influenciar os outros colegas. Segundo o reitor, estava acontecendo uma epidemia de suicídio, e a punição seria uma forma de proteger a instituição de futuros ataques, semelhantes. Eles aplicam o castigo para aliviar suas responsabilidades?

Entre os professores, depois de uma discussão sobre abrir ou não a janela, o reitor diz,

SONNENSTICH. [...] Senhores! Suponhamos que deixemos de solicitar a expulsão do nosso culpado aluno junto ao alto ministério da cultura, daí esse mesmo ministério nos fará responsável pela desgraça ocorrida. Dos diversos ginásios acometidos pela epidemia de suicídio, foram suspensos pelo Ministério da Cultura todos aqueles que contabilizaram 25% dos alunos como vítimas. Nosso dever como protetores e guardas desta instituição é preservá-la deste golpe terrível. [...] (WEDEKIND, 2009, p. 54).

O reitor pede ao Haberbald que traga Melchior, o aluno acusado, para entrar na reunião; ele está pálido, mas sereno. Diz o reitor,

Chegue mais perto da mesa. Depois que o senhor Stiefel soube do perverso delito do filho, o desolado pai, na esperança de dessa maneira descobrir o motivo desse ato inqualificável do filho, vasculhou num lugar que não nos interessa qualificar e encontrou um escrito que, embora não torne compreensível aquele ato inqualificável, dá uma explicação infelizmente mais do que suficiente da intensa perturbação moral do acusado. Trata-se de um texto de vinte páginas em forma de diálogo, intitulado "O coito", com

ilustração em tamanho natural, repleto das piores obscenidades que deveria corresponder às exigências mais elevadas de um devasso condenável em relação a uma leitura pornográfica.

MELCHIOR. Eu...

SONNENSTICH. Você permanece em silêncio! Depois que o senhor Stiefel nos entregou tal texto de caráter tão questionável, e que prometemos ao estarecido pai encontrar seu autor a qualquer preço, a caligrafia do manuscrito foi comparada com as caligrafias de todos os colegas do depravado, e depois da concordância unânime do corpo docente, bem como em total consonância com o parecer do nosso colega especialista em caligrafia, verificou-se a mais indiscutível semelhança com a sua.

MELCHIOR. Eu...

SONNENSTICH. Você permanece em silêncio! [...] Cremos poder evitar outras atitudes para, [...] que atenta contra os bons costumes e que está relacionado com a conseqüente motivação para o suicídio (WEDEKIND, 2009, p. 57).

O reitor pergunta ao Melchior se reconhece o texto e a caligrafia, e se foi escrito por ele. Melchior indaga,

Eu lhe peço, senhor reitor, que me aponte uma única obscenidade nele contida.

[...]

MELCHIOR. Não escrevi nem mais nem menos do que aquilo que é de seu conhecimento!

SONNENSTICH. Que menino insolente!

MELCHIOR. Eu peço que aponte um único atentado à moral no texto.

[...]

SONNENSTICH. Você tem tão pouco respeito pela honra de seus professores, aqui reunidos, como tão pouca decência pelo sentimento humano, profundamente enraizado, de discricção em relação ao pudor de uma ordem ética mundial [...] (WEDEKIND, 2009, p. 57).

Melchior é expulso da escola por escrever um texto considerado pornográfico à época, pois atentava contra os bons costumes; seu ato não poderia influenciar os demais colegas ao suicídio, fim da Cena 1.

Em sequência, na Cena 2 do mesmo Terceiro Ato, a dramaturgia trás o enterro do personagem Moritz Stiefel que suicidou com tiro na cabeça, por ter sido reprovado na escola. Cada um que estava presente, ao jogar uma pá de terra na cova, pronunciava umas palavras, entre os quais destacamos, as do reitor,

O suicídio como certamente a infração mais grave e imaginável contra a ordem ética do mundo é a prova mais grave imaginável da ordem ética do mundo, à medida que o suicida poupa a ordem ética do mundo da sua sentença e confirma sua existência (WEDEKIND, 2009, p. 58).

Em seguida, foram as do professor Knochenbruch (2009), dizendo, “deverso, viciado, prostituído, esfarrapado e corrompido!” (WEDEKIND, 2009, p. 58).

No personagem Moritz Stiefel, o que temos é a recusa à moral imposta pela cultura, através dos agentes paternos. É uma recusa de pertencimento à cultura de origem que se colocou a ele, de forma muito particular e especial, cujas repercussões subjetivas e sociais se fizeram presentes com a passagem ao ato. Tomemos esse exemplo para apontar que, o que lhe faltou, não foi uma filiação real, o seu genitor. Podemos afirmar também, que, é através do pai imaginário que o sujeito constrói uma representação da figura ancestral masculina. No caso referido, verifica-se que faltou a representação de um pai simbólico. Encontra-se em um estado de carência em relação ao signo que viria fundá-lo em sua pertinência sexual. Em particular, na estrutura familiar, ouve algo que o fez recusar a se inscrever na linguagem das gerações. Não teve a referência de um pai simbólico que lhe servisse de suporte a submeter às veredas das demandas ou das insígnias fálicas. O agente pai, assim como outras representações, exercem o lugar da função paterna, por transmitir tais insígnias, não apenas a de uma pertinência, mas também, a de uma identidade sexual¹².

A contribuição de Jacques Lacan à questão do pai é considerável. Ela testemunha o caráter fundamental que ele lhe atribui na teoria psicanalítica. Apoiando-se em Freud, seguindo seus passos, a noção de pai, configurou-o assim como uma função estrutural, em referências às leis da palavra e da linguagem. De fato, é Lacan quem fala de função paterna, aplicando-a em cada caso, conforme as mutações fenomenológicas no campo da clínica contemporânea das neuroses.

Ora, a clínica do campo das psicoses demonstra que nem todos os seres falantes acessam à metáfora paterna, conforme representa o personagem Moritz Stiefel, pois o mesmo não acendeu ao pacto da simbolização da língua.

¹² Freud fez da questão paterna a pedra angular da descoberta do inconsciente. Ele não usou a denominação função paterna, mas construiu os fundamentos teóricos, através dos quais, Lacan, posteriormente, introduziu esse conceito no campo simbólico. O pai é tratado como o agente que está a serviço dessa função. Isso implica que o pai é uma instância, que só tem sentido, em referência à função paterna. Ele sublinha que, essa função sustenta-se nas condições estruturais que regem as leis da linguagem. Essas leis são perenes, independentemente das mutações sociais, antropológicas e culturais; inclusive as que estão sendo induzidas no mundo atual pela hegemonia do neoliberalismo financeiro (SCIARA, 2016).

4 O ADOLESCER: O SUSTENTO PELA FANTASIA

Na dramaturgia de Wedekind encontramos jovens embaraçados em relação ao que é da pulsão sexual. Tal questão, torna-se muito mais ampla do que se pensar no ideal de se fazer um controle da libido, pelo *orthòs lógos*, isto é, pela razão, como Kant propôs. Ela nos aponta que a fantasia está desvinculada da reprodução, ou seja, para um jovem, o encontro com as suas fantasias o deixa no fracasso, deslocado, sempre faltoso, sem concordância com o real do sexo, pela sua estrutura de ser sujeito dividido¹³, em sendo neurótico. Uma desvinculação na tentativa de desempenhar aquilo que comanda o seu corpo, com os caracteres da sexualidade.

No Primeiro Ato, Cena V, Wendla está sozinha na mata procurando a planta denominada de rainhas-do-bosque, a pedido da mãe. Essas flores são de propriedade calmante. Elas crescem na sombra. Melchior também está andando na mata e encontra Wendla, que, lhe diz: “É você mesma, Wendla? O que está fazendo sozinha aqui? Há três horas estou andando a torto e a direito pelo bosque sem encontrar ninguém, e agora você me aparece do nada na parte mais fechada dele!” (WEDEKIND, 2008, p. 26-27).

O encontro a leva a contar seu sonho a Melchior,

[...] Sonhei que era uma criança pobre, pedinte, que ia para a rua às cinco da manhã. Eu tinha de mendigar durante o dia todo, na chuva ou no frio, em meio a pessoas rudes e de coração de pedra. E se eu chegasse em casa à noite, tremendo do fome, e de frio, sem um tanto de dinheiro que meu pai exigia, então era surrada... surrada (WEDEKIND, 2009, p. 29).

O sonho de Wendla se relaciona com as surras sofridas da amiga, Martha Bessel, realizada pelo pai. Wendla revela a Melchior que gostaria de estar no lugar dela, pois nunca apanhara. Wendla fantasia¹⁴ em ser espancada.

¹³ O fato de o Sujeito estar submetido à linguagem, implica a perda, pois engendra uma incerteza irreduzível para o Sujeito quanto ao seu desejo. Ele está condenado a buscá-lo sem nunca o encontrar. Lacan qualificou de divisão do Sujeito, esse efeito dos significantes sobre si; dividindo-o entre o que diz e o fato de dizer, entre o enunciado e enunciação. Lacan reafirma que, “o Sujeito nasce dividido” (LACAN, 1990, p. 188).

¹⁴ Na perspectiva freudiana e lacaniana, o conceito de fantasia se refere à realidade psíquica dos femininos e masculinos. Na peça, após ter tido um sonho e de ter ouvido a colega Martha Bessel, Wendla deseja ser surrada por Melchior. Para uma leitura da forma como a fantasia é organizada e

Em seguida, pede a Melchior que lhe bata.

Nunca recebi uma surra na vida.
 MELCHIOR. Se você é capaz de pedir uma coisa dessas...!
 WENDLA. Por favor! Por favor!
 MELCHIOR. Vou ensinar a você pedir (Ele bate nela)
 WENDLA. OH, Deus. Não estou sentindo nada!
 MELCHIOR. Acredito! São tantas as suas saias...
 WENDLA. Então bata nas minhas pernas!
 MELCHIOR. Wendla! [Ele bate com mais força]
 WENDLA. Você está fazendo carinho! Só está fazendo carinho!
 MELCHIOR. Espere, sua bruxa, vou tirar o diabo do seu corpo!
 (WEDEKIND, 2009, p. 30).

Ele se desfaz da vara e bate com os punhos, com tamanha violência, que, ela começa a gritar. Enquanto batia, lágrimas escorria no seu rosto; e, depois saiu correndo para dentro do bosque, soluçando desesperadamente (WEDEKIND, 2009, p. 30).

A peça inicia no dia do aniversário de quatorze anos de Wendla, a qual entra em conflito com a mãe, por querer vê-la com um vestido longo. Ela pergunta à mãe, por que que o vestido está tão comprido? A mãe lhe diz que não pode andar por aí de vestidinho curto, pois ela já está crescida. A filha diz, “Quem sabe... Talvez eu já não exista mais” (WEDEKIND, 2009, p. 14).

Surge uma oportunidade de um encontro que mudará o rumo na vida de Wendla e Melchior. No Segundo Ato, Cena 4, no celeiro, Melchior está deitado de costas no feno fresco, quando chega Wendla, perguntando,

Você se esconde aqui? Todos estão à sua procura. O carro já se foi novamente. Você precisa ajudar. Uma tempestade está se formando.
 MELCHIOR. Saia de perto de mim. Saia de perto de mim.
 WENDLA. O que aconteceu? Por que você está escondendo o rosto?
 MELCHIOR. Saia, saia, vou jogar você para baixo.
 WENDLA. Agora que não saio mesmo. [Ajoelha-se ao lado dele]. Por que você não sai para o campo, Melchior? Aqui está abafado e escuro. Mesmo se ficarmos encharcados até os ossos, qual o problema?
 MELCHIOR. O feno cheira tão bem. O céu lá fora deve estar escuro como uma mortalha. Já vejo a papoula luminosa sobre o seu peito e escuto o seu coração bater.
 WENDLA. Nada de beijos, Melchior. Nada de beijos!
 MELCHIOR. Seu coração! Ouço-o bater!

estruturada, no aparelho psíquico, confira a interpretação que Lacan faz a partir da leitura do texto de Freud Bate-se numa criança, escrito em 1919 (LACAN, 1999, p. 241-257; JORGE, 2010).

WENDLA. As pessoas amam quando se beijam. Não, não!
 MELCHIOR. Acredite em mim, o amor não existe! É tudo interesse, egoísmo! Eu amo você tão pouco quanto você me ama.
 WENDLA. Não! Não, Melchior!
 MELCHIOR. Wendla!
 WENDLA. Oh, Melchior!... Não, não (WEDEKIND, 2009, p. 42-43).

Há o contato genital entre ambos, todavia, não há paixão. A questão não se passa na capacidade ou não de amar; mas, sobretudo, na confrontação do real do sexo. Fato que põe em questão toda a existência do sujeito, como nos mostra na fala de Moritz com Melchior: “Fiquei como se tivesse sido atingido por um raio” (WEDEKIND, 2009, p. 18).

Do encontro entre Wendla e Melchior, o que se produziu de efeito? Wedekind (2009) narra no Terceiro Ato, Cena 5, um diálogo entre Wendla e a mãe. Na peça, o Dr. von Brausepulver faz uma visita a Wendla, encamada. Depois de medicá-la, Wendla pergunta à mãe, sobre o que o médico disse.

SENHORA BERGMANN. Ele não disse nada. Ele disse que a senhorita Witzlebem também tendia a desmaiar. É quase sempre assim na anemia.
 WENDLA. Ele disse que estou com anemia, mamãe?
 SENHORA BERGMANN. Você deveria tomar leite e comer carne e verduras quando seu apetite voltar.
 WENDLA. Oh, mamãe, mamãe, eu não acho que esteja com anemia.
 SENHORA BERGMANN. Você está com anemia, filha. Fique calma, Wendla, fique calma; você está com anemia.
 WENDLA. Não, mamãe, não! Eu sei. Eu sinto isso. Estou com anemia. Tenho hidropisia...
 [...]
 SENHORA BERGMANN. Você não vai morrer, filha! Você não tem hidropisia. Você tem um filho, menina! Você tem um filho! Oh! Por que você fez isso comigo!
 WENDLA. Não fiz nada contra você.
 SENHORA BERGMANN. Não negue, Wendla! Sei de tudo. E eu não queria lhe dizer nada. Wendla, minha Wendla...!
 WENDLA. Mas isso não é possível, mamãe. Afinal, ainda não sou casada...!
 SENHORA BERGMANN. Deus todo Poderoso, sim, esse é o problema, você não é casada! É terrível! Wendla, Wendla, Wendla, o que foi que você foi fazer!
 WENDLA. Por Deus, eu não sei mais! Nós nos deitamos no feno... não amei mais ninguém no mundo a não ser você, mamãe!
 SENHORA BERGMANN. Minha querida...
 WENDLA. Oh, mamãe, por que você não me contou tudo!
 SENHORA BERGMANN. Filha, filha, não vamos deixar as coisas ainda mais difíceis. Acalme-se! Tenha confiança em mim, filha! Dizer essas coisas a uma menina de catorze anos! Eu podia acreditar que o sol se apagaria, mas nunca numa coisa dessas. Agi com você igualzinho como minha mãe agiu comigo. [...]
 WENDLA. Alguém bateu.
 SENHORA BERGMANN. Não escutei nada querida, (vai até a porta e abre).

WENDLA. Mas eu escutei claramente. Quem está aí fora?
SENHORA BERGMANN. Ninguém... a mãe de Schmidt, da rua do Jardim. A senhora vem bem a calhar, mãe Schmidt¹⁵ (WEDWKIND, 2009, p. 68-69).

Na gravidez, a diferença sexual se coloca, pois podemos considerar que é um período muito particular na vida de uma mulher. O caráter da mudança, no corpo, pode ser superado no simbólico, ao ser apoiada no discurso familiar e social, os quais propiciam conforto, proteção e amparo. Em contrapartida, não houve o amparo familiar; e, Wendla, maquinada pela sua mãe, e orientada por uma tia a abortar, teve como consequência, a sua morte. A família não pôde suportar a gravidez dela.

No Primeiro Ato, Cena 2, numa noite de domingo, Moritz pergunta a Melchior se o sentimento de pudor é produto de sua educação. Pensando sobre isso, Melchior, diz, “imagine ficar completamente despido na frente de seu melhor amigo. Você não vai conseguir se ele se despir ao mesmo tempo. No fundo, também é uma espécie de questão de moda (WEDEKIND, 2009, p. 16). Continuam conversando.

MORITZ. Quando tiver filhos, pensei, meninos e meninas, vou deixá-los dormir desde cedo no mesmo quarto, se possível na mesma cama. Vou deixá-los se ajudarem uns aos outros a se vestir e a se despir, de manhã e à noite; e durante o verão, tanto os meninos quanto as meninas usarão apenas uma túnica curta de algodão branco, com um cinto de couro. Na minha opinião, se crescerem desse jeito, mais tarde serão mais calmos do que acontece no geral (WEDEKIND, 2009, p. 17).

Para um menino, não é simples ter o encontro amoroso com uma menina. Nesse diálogo, entre os amigos, surge a inquietação. Melchior diz,

A única questão é se as meninas ficarem grávidas – que acontece?

MORITZ. Como assim, ficarem grávidas?

MELCHIOR. Neste sentido, acredito em um determinado instinto. Acho que se prenderem, por exemplos, um gato com uma gata desde cedo, e mantivermos os dois afastados do mundo exterior, isto é, se eles ficarem expostos somente a seus próprios instintos, a gata cedo ou tarde ficará prenhe, embora nem ela nem o gato tivessem ninguém cujo exemplo pudesse lhes ter aberto os olhos.

MORITZ. Afinal, nos animais isso tem de acontecer de uma maneira natural (WEDEKIND, 2009, p. 17).

¹⁵ Provável menção à aborteira.

Os animais se organizam pela rigidez do instinto, todavia o humano é um ser falante pelo fato de estar em jogo o prazer e o desprazer, concomitantemente. Na fala, apesar de pouco recurso em palavras, para dizer disso que o habita, que o assola, que o toma, que o deixa embaraçado, reconhece algo que interdita. São afetados pelo objeto que desperta o desejo sexual, mas não têm palavras para dizer disso que os deixam no marasmo. Contudo, eles não se deixam enganar pela ilusão pastoral.

MELCHIOR. Eu acho que ainda mais com os seres humanos! Veja, Moritz, se seus meninos dormirem na mesma cama com as meninas e surgirem de repente as primeiras excitações masculinas... eu apostaria com qualquer um...

MORITZ. Você pode ter razão nisso. De todo o modo...

MELCHIOR. E com suas meninas, na idade correspondente, aconteceria o mesmo! Não que a menina... não é possível julgar precisamente isso... de qualquer maneira, seria de se esperar... e a curiosidade faria sua parte, não esqueça!

(...)

MORITZ. Você já sentiu aquilo?

MELCHIOR. O quê?

MORITZ. Como você chamou aquilo?

MELQUIOR. Excitação masculinas?

MORITZ. Hum...

MELQUIOR. Eu, sim.

MORITZ. Eu também... ..

MELCHIOR. Conheço isso já faz tempo! Há quase um ano.

MORITZ. Para mim foi como se eu tivesse sido atingido por um raio [...] (WEDEKIND, 2009, p. 17-18).

Moritz afirma que entende como as galinhas botam ovos, e diz que sua mãe lhe concebeu no coração. Mas isso, não é suficiente para ele. Relatou que ficou constrangido, aos cinco anos de idade, quando a decotada dama de copas era colocada sobre a mesa. Assim, quando fala com alguma menina, não consegue deixar de pensar em “algo indecente” (WEDEKIND, 2009, p. 19).

Melchior afirma que os livros não são suficientes para compreender o funcionamento do corpo de uma mulher, há algo para além do prazer que o inquieta. Assim, diz

Parte das coisas que sei são de livros, parte de figuras, parte de observação na natureza. [...]

MORITZ. Eu folheei toda a edição da Pequena enciclopédia Meyer, de A a Z. Palavras – nada além de palavras e mais palavras! Nem uma única simples explicação. Ah, essa sensação de vergonha! De que me adianta

uma enciclopédia que não responde à questão mais importante da vida? [...] (WEDEKIND, 2009, p. 19).

Belchior faz uma pergunta a Moritz, você já viu uma menina? Ele responde,

Sim!

MELCHIOR. Mas toda?

MORITZ. Todinha!

MELCHIOR. Eu também. Assim não serão necessárias ilustrações.

MORITZ. Durante a festa do tiro ao alvo, no museu de anatomia de *Leilich!* Se alguém descobrisse eu seria expulso da escola. Bela como um dia de sol e... tão autêntica! (WEDEKIND, 2009, p. 19-20).

No Segundo Ato, Cena 1, há um outro diálogo entre Melchior e Moritz, sobre a obra Fausto, mas ao final da cena, Moritz diz a Melchior,

E isso ainda é prazer, Melchior?! A moça, Melchior, goza como os deuses do céu. A moça se defende por causa de sua natureza. Até o último instante ela não sente qualquer amargura, para de repente todos os céus se irromperem dentro, dela. A moça tem medo do inferno ainda no momento que ela vivencia um paraíso florido. Sua sensação é tão fresca quanto uma fonte que nasce de um rochedo. A moça pega um cálice sobre o qual ainda não soprou nenhuma brisa terrena, um cálice de néctar, cujo conteúdo – que queima em chamas – ela engole... Acho que a satisfação que o homem sente nessa hora é insípida e insossa.

MELCHIOR. Ache do jeito que quiser, mas guarde suas opiniões. Eu não gosto de pensar a respeito... (WEDEKIND, 2009, p. 36).

Wedekind traz no texto o desconforto. Quando fora adolescente, teve dois amigos que se suicidaram, prometendo, então, contar sua história. Ele deu palavras aos seus personagens artísticos. No exemplo de Moritz Stiefel, por estar fora do registro fálico, referido, anteriormente, ao atravessar os diversos conflitos, suicidasse. Melchior Garbor, além de ser expulso da escola, os seus pais descobrem que ele teve um caso amoroso com Wendla, engravidando-a, e decidem mandá-lo para uma casa de correção. Fugindo de lá, vai para o cemitério, onde se encontra com Moritz, morto, que o convida também a se suicidar, mas é salvo no final por um personagem simbólico, chamado de o Homem Disfarçado.

4.1 ESTRANHEZA EM SE OUVIR A VOZ INTERIOR

Na cena final da peça, no Terceiro Ato, Cena 7, dentro do cemitério, Melchior se encontra angustiado e fragilizado, depara-se diante de si, pensativo, ouvindo os seguintes enunciados.

[...] “diante do abismo – tudo se perdeu, desapareceu [...]”. “Por que ela, Wendla, fez isso por mim? Por que não o culpado?” [...] “O que ainda me mantém de pé? Um delito após o outro. Estou entregue ao pântano. Não tenho mais forças para me acabar... Eu não era mau!”
 Nenhum mortal já caminhou com tanta inveja por sobre os túmulos. Droga! Não tenho a coragem suficiente! Oh, seu ficasse louco – ainda nesta noite! Eu preciso procurar lá adiante, debaixo dos últimos! O vento sopra em cada pedra um som diferente – uma sinfonia angustiante!
 [...]
 E eu sou seu assassino. Eu sou seu assassino! Estou desesperado. Não posso chorar aqui. Fora daqui! Fora! (WEDEKINDO, 2009, p. 71-73).

Moritz, com uma voz imperativa, vem assombrar Melchior. Ele aparece na forma de uma voz sem divisão, na fala, como um objeto pleno, que convoca sem pudor o pensamento de Melchior.

MORITZ STIEFEL (com a cabeça debaixo do braço, caminha pesaroso sobre os túmulos). Um minuto, Melchior! Essa oportunidade não vai se repetir tão cedo. Você não sabe o que está relacionado ao lugar e à hora...
 MELCHIOR. De onde você vem?
 MORITZ. De lá – de lá do muro. Você derrubou a minha cruz. Estou perto do muro. Me dê a mão, Melchior!
 MELCHIOR. Você não é Moritz Stiefel!
 [...]
 MELCHIOR. Você não sente nojo?
 MORITZ. Estamos acima disso. Nós sorrimos! No meu enterro, estive entre os que choravam minha perda. Diverti-me à beça. Isso é superioridade, Melchior! Chorei como ninguém, e sai de fininho até o muro para não ter um acesso de riso. Nossa superioridade incontestável é realmente a única maneira de se digerir as coisas... Também riam de mim, antes de eu me elevar (WEDEKIND, 2009, p. 73-74).

Diante da voz do Outro, não há como escapar. Melchior é convocado pela voz invocante do Homem Disfarçado, que lhe aparece. Esse personagem é considerado por Lacan como essencial, por ser “aquele que constitui o fino do drama (...)”, e por salvar Melchior das garras de Moritz. Ele o convoca a ir para o mundo dos mortos, mas é salvo pela convocação do Nome-do-pai, o qual exerce o lugar de *semblante* (aparência) (LACAN, 2003, p. 559, grifo do autor). Os agentes paternos variam, mas a função paterna permanece como faróis do simbólico.

Neste diálogo, o Homem Disfarçado diz a Melchior: “Você está tremendo de fome. Você está sem capacidade de julgamento e, também, para Moritz: “Vá embora”. Melchior pergunta: “Quem é você?”. O Homem Disfarçado responde: “Você descobrirá mais tarde”. E para Moritz, diz: “Suma daqui! Você não pode ficar por aqui! Por que você não está com cabeça?” Moritz responde: “Dei um tiro em mim” (WEDEKIND, 2009, p. 75).

Melchior continua insistindo, querendo saber quem é esse homem que fala no seu íntimo. Mas, ele responde,

Não. Sugiro que você confie em mim. A primeira coisa que eu faria seria cuidar do seu progresso.

MELCHIOR. Você é... meu pai?

O HOMEM DISFARÇADO. Você não conheceria seu pai pela voz?

MELCHIOR. Não.

O HOMEM DISFARÇADO. O seu pai agora procura consolo nos braços fortes da sua mãe. Eu abro o mundo para você. Sua incredulidade momentânea é fruto dessa situação miserável. Com um jantar quente na barriga, você vai rir dela.

MELCHIOR [*para si mesmo*]. Ele só pode ser um dos diabos! [*em voz alta*] Um jantar quente não vai apaziguar as culpas que recaem sobre mim!

O HOMEM DISFARÇADO. Depende do jantar! Posso lhe dizer que a pequena teria dado à luz sem problema. Ela morreu por causa dos métodos abortivos da senhora Schmidt. Vou levá-lo para junto dos homens. Vou dar a você oportunidade de ampliar seu horizonte de maneira maravilhosa. Vou mostrar a você tudo o que é interessante no mundo, sem exceção.

[...]

O HOMEM DISFARÇADO. Seu amigo é um charlatão. [...] (WEDEKIND, 2009, p. 76-77).

Melchior pergunta ao Homem Disfarçado qual a sua opinião sobre a moral? Ele responde, “para mim, moral é produto real entre duas grandezas imaginárias. As grandezas imaginárias são dever e querer. O produto chama-se moral e sua realidade é incontestável” (WEDEKIND, 2009, p. 76-77). No entanto, Moritz afirma que ele deveria ter dito isso antes para ele. “Minha moral me levou à morte. E peguei na arma por causa dos meus queridos pais. “Honre pai e mãe para que tenhas vida longa.” A Sagrada Escritura falhou totalmente comigo (WEDEKIND, 2009, p. 77).

Depois de um longo diálogo entre Moritz e o Homem Disfarçado, diz Melchior, “Tchau, Moritz! Aceite meu sincero obrigado por ter aparecido mais uma vez. Quantos dias alegres e descontraídos passamos nesses catorze anos! [...] (WEDEKIND, 2009, p. 78).

O Homem Disfarçado dá o braço ao Melchior e se afastam dos túmulos. Ao final, o pai serviu de fonte identificadora, assegurando sua subjetividade e vida. Em outras palavras, Melchior se serve do agente paternal enquanto operador no complexo de Édipo e na castração, assim, também, para outros personagens, conforme as modalidades diferenciadas segundo o sexo. Dessa forma, ele vai demonstrar seu caráter determinante na sexualidade humana, desde bebê até adulto. Portanto, através da vivência do luto, ele se serviu da função paterna para suportar as punições, a culpa e a dor das perdas de Wendla e do amigo, Moritz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça – O despertar da primavera: uma tragédia infantil –, é um testemunho pertinente da história da cultura, dos costumes e das mentalidades, pelo fato de abordar assuntos cotidianos e, por continuar a sustentar um sentido de atualidade que ainda não se perdeu. É uma dramaturgia que traz à luz, temas recorrentes à vida, ao levantar elementos que tocam a subjetividade de cada um. O advento da puberdade, seja no menino ou na menina, inquieta pais, professores, analistas ou terapeutas, médicos, adultos, crianças e outros adolescentes. É o que a peça testemunha. Ao menino e à menina, faltam palavras para acompanhar, na adolescência, às questões relativas, ao sutiã, ao vestido, ao absorvente, à menstruação, à ereção, à masturbação, à gravidez, ao orgasmo, à atração, entre outros elementos.

A leitura freudiana e lacaniana endossa que somos afetados e construídos pelo ato da fala, pela linguagem do Outro. Ao dizer sim à cultura, no atravessamento do simbólico, somos condenados a sofrer restrições, pelo fato do objeto da satisfação ser sempre perdido, contudo, nem toda perda é trágica.

Em psicanálise, o inconsciente é um dos conceitos fundamentais. No que se refere à questão sexual, a orientação da educação moral, pedagógica, não resolve, em si. O sujeito do desejo não é organizado pelo funcionamento puramente biológico, pelo instinto; mas, sobretudo, pela pulsão parcial, cuja predominância é a da autoerótica à fantasia; entre o prazer e o desprazer. O que está em jogo é a escolha do objeto sexual. Portanto, no período da adolescência, o sujeito reatualiza

aquilo que se deu na infância, e pelo qual inconscientemente se firma a estrutura. Com o primado das zonas genitais, na puberdade se estabelece o conflito entre masculino/feminino e erótico/terno.

Tendo em vista os aspectos observados, vimos que a função paterna se ancora em leis da linguagem, que regem a relação à palavra e aos discursos. Só existe o pai simbólico se o mesmo estiver articulado com as palavras. Portanto, o pai depende da função paterna. Ele é o operador, o agente e está a serviço da função paterna.

Em virtude do que foi mencionado, a peça de Wedekind é um convite à releitura, pelo fato de tudo isso se repetir no dispositivo da prática clínica. É um exercício de se escutar o adolescente, para que ele possa construir um aparato de valores simbólicos e por ser um lugar de endereçamento do que o acossa na carne. Em sendo um neurótico, quem sabe, se, no dispositivo clínico, alguns furinhos possam advir!

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

CASSIN, Barbara. **Aristóteles e os lógos** – contos da fenomenologia ordinária. São Paulo: Loyola, 1999.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*. FREUD, Sigmund. **Fragmento da análise de um caso de histeria; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1996a, p. 123-137 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII).

FREUD, Sigmund. As teorias sexuais infantis. *In*. **A vida sexual; Outros escritos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 211-230 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *In*. **História de uma neurose infantil; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 223-253 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII).

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. *In*. **Eu e o isso; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.

177-189 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FREUD, Sigmund. A cisão do eu no processo de defesa. *In. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. III: 1923-1940/Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 171-179.

GONDAR, Jô. Ética, moral e sujeito. *In. Sujeito do direito, sujeito do desejo: direito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999. p. 29-38

HAMAD, Nazir; MELMAN, Charles. **Psicologia da imigração**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

HÖFFE, Otfried. **Kant: crítica da razão pura, os fundamentos da filosofia moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, v. 2: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”? (*Aufklärung*). *In. Textos seletos*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 63-71.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 6. ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LACAN, Jacques. Função do campo e da fala e da linguagem em psicanálise. *In. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. *In. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 557-559.

LACAN, Jacques. **Conferência em Louvain**, 13 de outubro de 1972. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=njA-1a4N_iw. Acesso em: 17 maio 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCIARA, Louis. **Retour sur la fonction paternelle** dans la clinique contemporaine. Toulouse, FR: Éditions érès, 2016.

WEDEKIND, Frank. **O despertar da primavera**: uma tragédia infantil e Mine-Haha, ou, Sobre a educação corporal das meninas. São Paulo: Luzes no Asfalto, 2009.